

Relatos do terror: a história da brasileira que tentou sair de Nova York em meio ao 11 de setembro

Fabiana Ferreira morava nos Estados Unidos e tinha um voo agendado para o Brasil dois dias depois do atentado terrorista. Ela conta como a cidade reagiu aos ataques às Torres Gêmeas.



Segundos antes do avião atingir a Torre Sul do World Trade Center.

Há 20 anos um evento mudou os rumos da humanidade. O atentado terrorista às Torres Gêmeas em Nova York matou quase 3000 pessoas e tem os impactos sentidos até hoje em todo o mundo. Os dias subsequentes ao ataque na metrópole que nunca dorme foram de caos e desorientação. No meio do furacão estava a brasileira Fabiana Ferreira, na época com apenas 23 anos e que durante este período tentou a todo custo sair dos Estados Unidos para poder acompanhar a mãe em um procedimento cirúrgico no Brasil.

Formada em publicidade, ela chegou em Nova York em 1996 para fazer um curso de cinema e audiovisual na NY University, com duração de apenas seis semanas. Quando acabou, ela decidiu fazer um outro curso e durante este período arranhou emprego em uma produtora e assim se estabeleceu no país. Entre idas e vindas, começou a namorar um estadunidense e foi morar com ele. Ao mesmo, ela conseguiu um outro trabalho, na dessa vez na Disney, onde participou da produção de desenhos animados para o canal de TV a cabo da multinacional.

Alguns dias antes do atentado às torres gêmeas, Fabiana vivia a expectativa de voltar ao Brasil, mas o motivo não era positivo. Naquele ano de 2001 sua mãe, que morava em Brasília, foi diagnóstica com um tumor no cérebro e precisaria passar por uma cirurgia de risco para retirada do edema. O procedimento foi marcado para o dia 15 de setembro, e Fabiana se programou para voltar ao seu país natal antes disso, principalmente para poder

falar com sua mãe pessoalmente, já que tinha medo de que nunca mais pudesse ver ela de novo. Conseguiu uma licença no trabalho e comprou passagem para ir ao Brasil, com data marcada para 13 de setembro de 2001. Até que veio o 11 de setembro.

Aquele seria seu último dia na empresa antes de viajar. Ela ainda teria que ir ao serviço de migração em Nova York, pois precisava de um documento para sair do Estados Unidos. Logo ao acordar, Fabiana se deparou na televisão com a notícia de que um avião atingiu a torre norte do World Trade Center. A primeira reação foi de lamento, mas ela achava que o fato se tratava apenas de um acidente aéreo.

“Meu primeiro pensamento foi: nossa que fatalidade, que azar. Era um dia de primavera, muito sol, nenhuma nuvem no céu, então era bem surreal um avião daquele tamanho bater em um prédio daquele tamanho. Mas achei que tinha sido apenas uma pane no comando do avião.”

Na sequência, Fabiana ligou para a família no Brasil e avisou que estava tudo bem com ela, além de confirmar que em dois dias estaria lá. Depois, saiu de casa rumo ao trabalho, que era justamente em Manhattan. No meio do caminho ela precisava passar em uma loja para pegar umas fotografias 3×4, e ali foi a primeira vez que ouviu falar na hipótese de um ataque terrorista. Quando entrou na loja, Fabiana se deparou com um homem alto, que usava um turbante e parecia ser de uma etnia indiana extremamente revoltado com a situação. Segundo ela, ele afirmava com todas as letras que aquilo se tratava de um atentado e que seria uma resposta as políticas internacionais dos Estados Unidos.

“Ele falou para mim que isto foi um atentado para os judeus aprenderem que não podem se meter na vida de todo mundo. Ele estava muito, muito revoltado, e aí ele falou também sobre o mercado financeiro, o capitalismo, sobre como os Estados Unidos se intrometem na vida dos outros e que agora estavam pagando o preço. Eu tentei falar, com calma, que tinha sido um acidente, e ele respondeu que acidentes não existiam, estas coisas são todas programadas, bem teoria da conspiração mesmo.”

Com uma pulga atrás da orelha, Fabiana pegou o metrô em direção ao seu emprego e lá já sentia um clima bem tenso. Quando chegou na portaria do prédio onde trabalhava, ela teve outra surpresa. Não estavam permitindo a entrada de pessoas, pois aquele lugar seria um foco de terrorismo. Ainda descrente da possibilidade, Fabiana teve que assinar um termo que não responsabilizaria a empresa dona do edifício caso ela morresse ali. Só quando subiu os andares do prédio (de escada, já que os elevadores foram suspensos) ela descobriu que um segundo avião atingiu a torre sul.

Só neste momento que ela acreditou de fato ser um ataque terrorista. O clima no seu local de trabalho era de pânico e desespero. Várias pessoas tinham parentes e amigos que trabalhavam nas Torres Gêmeas, ao mesmo tempo que as linhas telefônicas na cidade foram cortadas. Ela conta que a esposa de um dos seus colegas estava no World Trade Center, e ele, sem informações, andou em direção às torres em busca de notícias. Fabiana tentava falar com o namorado, que estava na Inglaterra a trabalho, e com a família no Brasil, mas não conseguiu nenhuma resposta.

Após três horas lá em cima, e sem fazer contato com ninguém, ela resolveu voltar para casa. Com o metrô já fechado, Fabiana foi a pé, e no caminho só pensava na viagem para o Brasil. Ao mesmo tempo, percebeu sentimentos opostos entre as pessoas em sua volta.

“Algumas pessoas na rua estavam meio eufóricas, do tipo, consegui um dia livre, não temos que trabalhar, aquele dia era uma terça-feira, e outras completamente neuróticas, que esse é o fim do mundo, vai cair uma bomba, temos que estocar comida etc. E minha

preocupação era chegar no Brasil no dia seguinte. Estava com muito medo de não conseguir ver minha mãe viva de novo.”

Quando chegou em casa, Fabiana ligou a TV e novamente tentou contato com a família no Brasil, o namorado na Inglaterra e os amigos por Nova York, sem sucesso. O clima de caos e desorientação era grande, as notícias na TV se repetiam exaustivamente. A repercussão das consequências do atentado para a cidade era escassa nos noticiários. Fabiana ainda tinha em mente que voaria para o Brasil na data marcada. Após uma noite em claro, ela decidiu que tentaria embarcar de qualquer jeito, mesmo com o serviço aéreo americano fechado naquele momento.

“Na minha cabeça eu só pensava: ou eu morro aqui, ou eu morro tentando sair daqui.”

No dia seguinte, ela saiu de casa rumo ao serviço de migração, para tentar pegar o documento que permitia sua saída dos Estados Unidos. Além do óbvio, a situação tinha mais um agravante, o prédio onde ficava o serviço de migração era na mesma rua do World Trade Center. Fabiana foi de metrô ao máximo que era permitido, a estação na 14th Street, e planeja ir a pé a partir dali. Mas logo quando saiu ao ar livre, ela sentiu um cheiro que ficou por muito tempo na sua memória.

“Quando eu cheguei na 14th, tinha uma névoa grande, como se fosse uma fuligem meio molhada, só que o cheiro era de papel misturado com cabelo queimado. Parecia cheiro de gente morta.”



Bombeiro nos escombros do World Trade Center um dia após o atentado.

Em meio ao odor, que ficava cada vez mais forte, ela seguiu o caminho em direção ao serviço de migração, até que em certo momento foi parada por um cordão policial que proibia a passagem de pessoas, já perto do World Trade Center. Ela tentou argumentar que tinha horário marcado para tirar o documento, mas os policiais responderam que tudo ali estava fechado e pediram para voltar para casa. Parada em estado de choque perto das Torres Gêmeas, Fabiana diz que ali ela notou de vez a gravidade da situação e conta ter

visto outra imagem chocante, os caminhões que recolheram os corpos das vítimas do atentado.

“Acho que foi ali que a ficha caiu de vez, do tipo, f**** muito. Eu não tenho controle do que vou fazer, não posso fazer nada por mim nem por ninguém, e enquanto eu estava ali parada, perto da Broadway, eu vi três caminhões frigoríficos a caminho das torres. Mais tarde, eu fiquei sabendo que esses caminhões estavam indo para coletar os restos mortais das pessoas que morreram no ataque.”

Muito abalada com toda a situação, Fabiana voltou para casa naquele 12 de setembro. No dia seguinte um alento, as linhas telefônicas voltaram e ela pode falar com a família novamente. Ela conta que elaborou vários planos para tentar sair de Nova York. Em um deles, tentou alugar um carro para dirigir até a outra ponta do país e de lá pegar um avião para o México, mas não teve sucesso, já que as companhias de locação de automóveis estavam completamente vazias. Passado mais um dia, os Estados Unidos reabriram o espaço aéreo, mas apenas para aviões em deslocamento, já que muitos tiveram que parar antes dos seus destinos. Começava mais uma jornada para Fabiana.

Ela diz que quando viu a notícia no jornal, saiu de casa para o Aeroporto JFK, o maior de Nova York, ainda na esperança de retornar ao Brasil a tempo da cirurgia da mãe. No meio de um aeroporto cheio e caótico, logo perdeu as expectativas de ir em seu voo original, de Nova York para São Paulo. Então, Fabiana comprou uma passagem para Fort Lauderdale, cidade no sul da Flórida e de lá tentaria ir ao Brasil. Mesmo com todas as dificuldades, ela conseguiu embarcar neste voo, que estava completamente lotado. Ao chegar na cidade, ela descobriu a necessidade de ir até Miami, já que seu destino original não realizava viagens internacionais.

Mais um problema em Fort Lauderdale, a cidade não tinha táxi ou carros para locação disponível. A alternativa que sobrou para Fabiana foi alugar uma limusine que a levou para o Aeroporto Internacional de Miami. Quando chegou, ela se deparou com outro um estado de calamidade ocasionado pelo atentado às Torres Gêmeas.

“Cheguei em Miami e lá o Aeroporto estava em estado de guerra. Não tinha comida, não tinha água, as pessoas todas dormindo no chão, gente de vários lugares do mundo que tinha parado em Miami e não conseguiu voltar para seu destino. Vários dramas nessas filas de espera do aeroporto.”

Em meio ao caos, Fabiana não conseguiu embarcar para o Brasil em 14 de setembro e teve que passar a noite lá. Com isso, teve que falar por telefone com sua mãe, que tinha a cirurgia para retirada do tumor na cabeça marcada para a manhã do dia seguinte.

No amanhecer do dia 15, mesmo sem o documento que ela precisava para sair dos Estados Unidos, Fabiana finalmente conseguiu embarcar rumo ao Brasil, em um voo da Varig com destino a São Paulo. Quando chegou, pegou outro voo para Brasília, onde sua mãe estava sendo operada. Depois de uma longa jornada de 4 dias em meio ao trauma de uma Nova York caótica, Fabiana pode ver sua mãe novamente. A cirurgia já tinha acabado e foi concluída com sucesso, tudo deu certo na retirada do tumor.

Foram 2 meses no Brasil ao lado da mãe, onde acompanhou a recuperação dela. Após este período, Fabiana voltou a Nova York, mas não demorou muito tempo para retornar para o Brasil, dessa vez de forma definitiva.

Na cidade, ela pediu demissão na Disney e arranhou outro emprego por lá, na equipe audiovisual de um Zoológico no Bronx, que era mantido por uma ONG de proteção aos

animais. O medo causado pelo 11 de setembro ainda era muito latente na população de NY. Fabiana diz que, por exemplo, as pessoas pararam de abrir cartas e encomendas do correio, com pavor da possibilidade de uma bomba ali dentro. Não era anormal ver pilhas e pilhas de cartas na frente das casas por Nova York

Um outro incidente foi ainda mais chocante para ela. Fabiana conta que em um dia voltava do trabalho para casa, o trem do metrô parou no meio túnel, com problemas técnicos. Bastou uma pessoa no fundo do último vagão gritar a plenos pulmões que aquilo se tratava de um ato terrorista, que o caos se instalou no trem. As pessoas começaram a correr de um vagão para outro, apertavam os botões de emergência e abriram as portas do metrô para fugir pelos trilhos. Ao chegar na estação, mais correria e mais medo.

Outro efeito do 11 de setembro em Nova York para Fabiana, foi o aumento do preconceito. Depois dos atentados era muito comum que os homens com fenótipo árabe, principalmente, fossem completamente excluídos pela população. Ela relata situações no metrô, por exemplo, que se algum deles estivesse dentro do vagão, mesmo no horário de pico, ninguém chegava perto da pessoa.

“Os homens com turbantes brancos, com barbas compridas, os que usavam batas brancas, típicas dos Islamismo, esses homens eram isolados nos metrôs. Se tinha um desses sentado, dentro do vagão, ele ficava sozinho. O metrô lotado e ninguém encostava ou chegava perto deste homem. A comunidade árabe sofreu muito no período logo depois do 11 de setembro por essa generalização que as pessoas faziam, de que todo árabe ou muçulmano seria um terrorista.”

Alguns meses depois ela decidiu sair de vez dos Estados Unidos. Ainda assustada com toda a situação, Fabiana diz que a cidade no pós 11 de setembro ficou mais triste e reclusa e afirma que não se via mais ali. O momento crescente do audiovisual brasileiro em 2002 motivou ainda mais a decisão que já era pensada por ela desde antes dos eventos com as Torres Gêmeas. Passados 20 anos, Fabiana Ferreira mora em Lisboa hoje, onde faz doutorado em museologia. Ela diz que aquela experiência traumática a fez repensar toda sua vida e a situação que estava inserida.

“Eu tinha em mim, e tenho agora mais velha, que ideologicamente eu não tinha como viver naquele país. Eu não estava defendendo aquela luta, não faz sentido eu estar naquele lugar e ser atacada por um grupo de pessoas que está brigando porque foi subsidiada pelo próprio Estados Unidos para fazer uma outra guerra, que ninguém tinha a ver, e agora eles tão brigando entre si e não sei o que... e aí estou lá, eu sou totalmente pacifista, detesto arma. Aquilo me agrediu de tal forma que fez eu repensar toda minha carreira e minhas decisões de vida.”



Fabiana Ferreira durante a entrevista